



As tertúlias literárias e festivas na casa de Filinto de Almeida e Julia Lopes de Almeida: 1903-1925.

O presente artigo tem como objetivo entender a sociabilidade intelectual na residência de Filinto de Almeida (1857-1945) e Julia Lopes de Almeida (1862-1934), conhecida pelos amigos do casal como “salão verde”. Esta se situava no bairro de Santa Tereza – RJ e entre os anos de 1903 e 1925, foi palco de debates, encenações teatrais e pré-estreias de concertos que ocorreriam em breve no Rio de Janeiro. Além desse ambiente artístico, na casa se organizou festas que tinham como propósito angariar fundos para caridade.

Uma gama variada de intelectuais brasileiros e estrangeiros frequentavam as reuniões realizadas, como Valentim de Magalhães, Araripe Jr., Olavo Bilac, Lúcio de Mendonça, João Luso, Francisco Alves, João do Rio, Antonio Parreira, Amoedo, Alberto Nepomuceno, Júlia Cortines e Maria Clara da Cunha Santos, além de atores e pintores. Segundo João Luso, nesses encontros Julia Lopes atendia a todos “com a fidalguia carinhosa de seu coração... sem deixar de dar aos filhos o máximo de ternura vigilante” em um ambiente “ao mesmo tempo patriarcal e artístico” (JORNAL, 1932, p.02).

A residência também funcionou para a escritora, na expressão de Michele Fanini, como a antessala da Academia Brasileira de Letras, tendo em vista que os intelectuais fundadores da instituição interditaram a admissão de mulheres, restando à residência dos cônjuges o local ideal para que o sexo feminino discutisse temas caros à época.

As ferramentas teórico-metodológicas conduzidas nesta análise direcionam-se a entender como se davam as relações intelectuais e de gênero no famoso salão. Tendo em vista a inadmissão da escritora pela instituição literária nacional, cabe pontuar que os intelectuais fundadores da ABL acreditavam que a feminilidade era um “fator” de inegável subtração do capital simbólico. Para Pierre Bourdieu a dominação masculina e o modo em que é imposta e vivenciada, em outras palavras, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, é o resultado daquilo que se conhece por violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas. Exercida desse modo essencialmente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento. Ao



aprofundar o debate, Bourdieu afirmava que estas relações se davam pelo desconhecimento e, em última análise, pelo sentimento (2014, p. 11-12).

Júlia Lopes de Almeida, além de esposa e mãe, foi uma escritora profícua que soube executar todas essas funções com habilidade e inteligência. Essa característica eclética em desempenhar atribuições sociais mereceu destaque por parte da imprensa, que constantemente ressaltava tais qualidades. Como exemplo pode-se citar Raul Rocha que escreveu no *Jornal do Brasil*, em 06 de janeiro de 1935, que nenhuma incompatibilidade existia entre a cultura do espírito e as virtudes domésticas. Para ele, D. Julia Lopes de Almeida fundou e cultivou com encanto um lar que pode servir de padrão de harmonia, suavidade e felicidade. Rocha ainda deu ênfase nas palavras de Múcio Leão, que considerava toda a obra literária de Júlia Lopes de Almeida tinha um motivo sentimental, além de ser inspirada em um fervoroso e sincero culto às virtudes domésticas (JORNAL, 1932, p.02).

Deste modo, ao desempenhar vários papéis sociais com maestria, soube explorar os limites máximos estabelecidos para uma mulher intelectual à época, de forma que, mesmo não tendo sido indicada à Academia Brasileira de Letras, participava, ainda que informalmente, dos debates intelectuais das primeiras décadas do século XX nas dependências do “salão verde”.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014. p.11-12.
- Jornal do Commercio*, 03/07/1932. p. 02
- MOREIRA, Nadilza M. B. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Editora universitária / UFPR, 2003.
- SEJA Mulher, a Mulher! *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06 de jan. de 1935.